

Apuração *in loco*: o impacto do trabalho de campo no fazer jornalístico

Mara Rovida

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso) e do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco (FIRB). Contato com a autora: mara.rovida@prof.uniso.br.

Resumo: Numa sociedade orientada pela tecnologia, o investimento no trabalho de campo como elemento essencial da apuração jornalística parece cada vez mais raro. Na contramão dessa realidade, observa-se o trabalho *in loco* como diferencial na elaboração de narrativas sobre temas do cotidiano urbano. A relação entre dialogia jornalística e observação-experiência no exemplo da cobertura radiofônica do trânsito é discutida neste artigo. A costura de vozes e perspectivas de personagens do trânsito urbano é observada em seu aspecto dialógico nas narrativas da Radio Trânsito (antiga SulAmérica Trânsito). A metodologia de trabalho que dá base para o presente debate está alicerçada na pesquisa empírica cujos sujeitos observados são os jornalistas que atuam na emissora de rádio escolhida para esta análise.

Palavras-chave: Apuração jornalística. Dialogia. Narrativa jornalística. Trabalho de campo. Radiojornalismo.

Abstract: Picking out in loco: the impact of fieldwork upon journalistic practice: In a technology driven society, investing in journalistic fieldwork as an essential element of journalistic picking out seems to be more and more uncommon. Counterposing such reality, one observes the work in loco, as a differential factor in elaborating narratives about everyday issues. In this article, we discuss about the relation between journalist dialogical and experienced observation in radio coverage on traffic. The urban traffic characters' interchange of different voices and perspectives is observed in its dialogical aspect in the narratives of the Radio Station Trânsito (the former SulAmérica Trânsito). The methodology that supports the present debate is founded upon an empirical research whose observed individuals are the journalists who work at the referred radio station chosen to this analysis.

Keywords: Journalistic pincking out. Dialogical. Journalistic written. Fieldwork. Radio journalism.



1. Introdução

O avanço da tecnologia é um dado da contemporaneidade presente em praticamente todas as esferas do conhecimento, mas no ambiente da comunicação social, esta realidade tem impactos desconcertantes. Nas últimas décadas, muito tem sido discutido sobre as mudanças na forma de comunicar, na maneira de produzir informação e de consumi-la. Houve momentos em que vozes mais dramáticas profetizaram o fim do papel de certos perfis de comunicadores, dentre os quais, o do próprio jornalista.

A abundância de “produtores” de conteúdo nas redes informacionais parecia uma ameaça à importância ou à pertinência de um profissional cuja atividade é produzir notícias. Por que pagar por um trabalho que é feito e distribuído por muitos gratuitamente nas redes? Foi com base nesse questionamento que chegou-se a debater o possível fim dessa profissão. As grandes empresas de mídia jornalística, por sua vez, começaram a investir no espaço virtual na tentativa de manter sua participação no mercado. Não é preciso fazer um longo exercício de rememoração para resgatar um período recente da história do jornalismo em que, primeiro, os grandes veículos começaram a divulgar suas produções gratuitamente na Internet para, depois de alguns anos, fazerem um movimento na contramão. Abrir sem qualquer tipo de cobrança as produções na Internet não se mostrou estratégia adequada ao cenário de expansão do mundo virtual e das ferramentas de comunicação¹.

Não apenas os modelos de negócio passaram (ou ainda passam) por um processo de reestruturação, como também a forma de produção da informação vem sendo repensada e discutida. Ainda timidamente, vem se desenvolvendo a percepção de que as redes sociais e demais espaços virtuais – embora tenham ganhado importância central como espaço público e, portanto, como fonte de informação para os comunicadores – não podem ser tratados como único cenário de observação e de levantamento de dados. Cada vez mais, observa-se nos discursos dos gestores dos veículos de comunicação, o enaltecimento da produção de material

¹ Os dados sobre a conferência da Associação Internacional de Mídia Jornalística realizada em São Paulo em 2015 podem ser consultados em material noticioso listado nas referências deste artigo. O evento que reuniu executivos de jornais brasileiros e estrangeiros foi amplamente coberto pela Folha de S. Paulo e pelo portal UOL, e teve como tema central o futuro do jornalismo no mundo contemporâneo e os novos modelos de negócio na Internet.



informativo diferenciado, em outras palavras, nota-se com certa frequência o resgate da reportagem como forma de enfrentar com competência as mudanças provocadas pelo desenvolvimento tecnológico.

A produção de informação diferenciada, isto é, a apresentação de narrativas pautadas por uma apuração aprofundada e cuidadosa tem sido usada por alguns veículos como vitrine para convencer o público a manter sua fidelidade e, em alguns casos, a pagar pelo acesso ao material produzido. Ao lado da ideia de que em meio à abundância de informação de origem duvidosa², que tem atribuído ao jornalismo e ao jornalista o papel de curadores³ que selecionam o que é importante (e verídico) e transformam caos em cosmos, a necessidade de apresentar um diferencial pela reportagem é a aposta que alguns veículos vêm fazendo no mercado jornalístico.

Se, por um lado, não parece produtivo observar o espaço virtual como único cenário para uma boa apuração, por outro lado, ainda é preciso discutir por que não usar as ferramentas tecnológicas como único meio de checagem de informações. Por que atuar *in loco* quando é mais rápido e mais barato usar os novos aparatos comunicacionais para alcançar os personagens e os cenários das narrativas? Por que custear o deslocamento de um repórter até uma pessoa que pode ser entrevistada por telefone ou Internet? Por que manter um repórter circulando nas ruas da cidade para saber como está o trânsito se, hoje, existem inúmeros sistemas que apresentam um panorama abrangente e bastante atualizado do cenário urbano? Por que mandar uma equipe cobrir um evento se é possível convidar o público a compartilhar fotos, vídeos e depoimentos sobre o que acontece no espaço público?

Nessa abordagem, que parece recolocar a reportagem no centro do fazer jornalístico – perspectiva já antiga de um modelo que data do século XX –, os investimentos no trabalho de campo ainda precisam ser justificados. Os custos de um repórter destacado para um trabalho que demanda pesquisa e deslocamentos são questionados insistentemente desde que os investimentos na chamada grande reportagem deixaram de ser uma constante. O fechamento de revistas, no caso brasileiro, como Realidade e O Cruzeiro nos idos dos anos 1970 servem como marco do declínio do incentivo a esse tipo de trabalho. Se antes mesmo da Internet ser um dado empírico, o trabalho de campo já era considerado como item de corte nos

² Ver mais em: TOZETTO, Claudia. ‘O jornalismo é a âncora que separa a verdade do boato’. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-jornalismo-ea-ancora-que-separa-a-verdade-do-boato,10000062003>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

³ Ver mais em: ESSENFELDER, Renato. **O editor e seus labirintos**: reflexos da crise de paradigmas do jornal impresso. Tese de doutorado apresentada no PPGCOM da ECA-USP, São Paulo, 2012.



orçamentos da mídia jornalística, como justificar gastos com apuração *in loco* num momento em que abundam facilidades tecnológicas?

2. Dialogia e o ato presencial

Cremilda Medina, em seu último trabalho, defende o ato presencial como movimento imprescindível ao jornalismo. Segundo a autora, é na observação-experiência que o mediador dialógico (jornalista) consegue subsídios para elaborar suas narrativas de forma a contemplar a polifonia e a polissemia típicas da realidade contemporânea (MEDINA, 2016, p. 12). Assim, o jornalismo como espaço de diálogo social é caracterizado por narrativas resultantes de um processo que vai além da “boa” escrita, depende, sobretudo, da apuração *in loco* que compreende um ato de interação social criadora.

Estar aberto ao outro no encontro cotidiano da reportagem jornalística é o primeiro passo para o desenvolvimento daquilo que a autora denomina como diálogo social que pode, por vezes, culminar numa interação social criadora (MEDINA, 2014, p. 76). De acordo com essa perspectiva, o mediador social, ao mostrar afeto pelos protagonistas dos fatos, especialistas e demais personagens, não se limita ao cumprimento burocrático de uma pauta prévia. Ele age como um verdadeiro pesquisador que imerge e se deixa afetar pelas situações experimentadas. Com as sensibilidades aguçadas, ele sai de suas imersões transformado e seu contato com as fontes de informação pode também repercutir nestas últimas. Essa interação criadora é inspiração para a elaboração de narrativas que, a posteriori, colocarão mais um ator social nessa dinâmica: o público fruidor da informação. Assim, a tríade (fontes-jornalista-público) do processo jornalístico se estabelece numa relação de diálogos possibilitados pela mediação social exercida pelo comunicador.

O signo da relação, ou linguagem dialógica, completa-se na narrativa autoral – porque é por meio dela que o público fruidor da informação é vinculado a esse processo – que representa uma possibilidade testada e apresentada em inúmeros trabalhos. Em outras palavras, é mais do que um “ideal” do fazer jornalístico, é uma possibilidade inerente ao jornalismo (MEDINA, 2014, p. 45).

Sutileza e complexidade na compreensão de mundo vão desaguar numa narrativa original. O autor abandona a pretensão arrogante de dono da verdade e desliza, humildemente, no pântano anônimo do cotidiano incerto e não sabido. Ao se relacionar com os parceiros da aventura contemporânea, experimenta a interação



sujeito-sujeito, bem diferente do enquadramento do outro como objeto de seu relato (MEDINA, 2014, p. 48).

O contato com os protagonistas é, certamente, essencial. A narrativa dialógica vem na sequência como aspecto culminante desse processo, mas depende dessa imersão em campo para se concretizar.

Na opinião de Medina, não é possível resumir o fazer jornalístico como mediação social criadora e transformadora à ideia de um bom texto. Para ela, inclusive, a noção de jornalismo literário, ou de bom texto, como preceito para qualificar uma produção jornalística é discutível. “[...] bom jornalista é muito mais do que essa qualidade de escrever bem” (MEDINA, 2016, p. 65). Ao analisar o trabalho de Paulo Barreto, ou João do Rio, Medina destaca como ponto alto da obra do cronista a categoria jornalística de ir à rua.

O jornalismo que se fazia no Brasil até ai (1910) era fruto ou da simples reprodução de telegramas do exterior ou comentários nascidos na sala de redação por acaso, porque na verdade provinham de um mundo interior de imaginação ou de juízos de valor do “bom escrevente”. Paulo Barreto questionou, pela primeira vez, a origem fechada da informação e instituiu o hábito de ir à rua buscar dados exteriores ao subjetivismo do escritor (MEDINA, 2016, p. 66).

Nessa perspectiva, a própria narrativa, independentemente da mídia, nasce do calor da imersão em campo. É a afecção, para usar um termo da autora, pelo contexto e pelos protagonistas das ações – como Medina nomeia os personagens das histórias jornalísticas – que o mediador dialógico consegue inspiração para suas narrativas. Seria como afirmar que é da experiência do campo que surge o formato, o modelo, o tom do texto adequado à situação a ser narrada. Não é mera aplicação de modelos literários, mas produção conjugada entre experiência vivida e arte narrativa (MEDINA, 2016, 65).

Na formatação de um padrão de produção jornalística que tem como ponto inicial o movimento de ir ao encontro do outro, fisicamente inclusive, essa atividade comunicacional ganha proximidade com outra área do saber, a antropologia ou etnografia. Não à toa, Medina fala em observação-experiência como sinônimo do ato presencial. Na antropologia, o pesquisador que vai a campo trabalha como um perscrutador que busca, pela imersão, apreender a realidade. Esse processo requer uma observação aproximada que é colocada em prática com todos os sentidos humanos, em outras palavras, o pesquisador precisa conhecer pelos poros da pele a dinâmica social estudada. O resultado desse mergulho no desconhecido é condensado numa narrativa cheia de elipses e impressões ou imprecisões, embora seja um



processo científico, analítico. Clifford Geertz entende esse trabalho da etnografia em sua totalidade, mas também representado no diário de campo, como uma descrição densa.

[...] a etnografia é uma descrição densa. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 7).

Se o passo inicial do etnógrafo e do jornalista se concretiza por esse movimento em direção ao campo, ao espaço empírico, e o resultado de ambos se mostra pelas narrativas originadas nesse processo, é possível notar uma semelhança entre as duas atividades também nos detalhes de seus fazeres. A interpretação daquilo que é observado por jornalistas e antropólogos é ponto nevrálgico e requer certos cuidados. Isso implica em pensar a participação dos protagonistas dessa realidade absorvida como ativa e não o seu oposto, isto é, como se fossem meros objetos de análise. A relação é entre sujeitos e não entre sujeito-observador e objeto-observado. Essa postura é pertinente para a etnografia e para o jornalismo.

Um segundo aspecto comum ao jornalismo e à etnografia é a utilização de "informantes" para interpretar o que é apreendido em campo. Como um ator externo, jornalista e antropólogo podem cometer equívocos na hora de inferir valores ou de julgar determinadas situações. Por isso, é importante encontrar um reforço interpretativo entre os indivíduos partícipes das dinâmicas observadas. [...] Por último, destaca-se a necessidade que ambos têm de respaldar a interpretação em um conhecimento estabelecido. Antropólogos buscam, nesse momento, as teorias e os conceitos para alcançar o último estágio interpretativo de seu trabalho. Jornalistas procuram analistas e especialistas para, com suas ponderações, ampliar os aspectos histórico-culturais das situações tratadas e, assim, encontrar possíveis prognósticos e diagnósticos, se não definitivos, ao menos parciais (ROVIDA, 2015, p. 87).

Ao experimentar a realidade, ao imergir no caos urbano, o observador poderá se impregnar de um conhecimento muito além das teorias sociais, embora use seu arsenal de conhecimento para interpretar aquilo que observa. Medina defende, nesse sentido, um conhecimento experimental que vai além do pensamento sociológico. Mas isso não significa negar ou opor-se ao sociológico, muito pelo contrário, significa construir uma possibilidade de ultrapassar, nas situações sociais, o concretamente classificado e estudado, o fato quantitativo e distanciado. Assim, o jornalista – e também o etnógrafo – pode costurar sua narrativa entre as estruturas sociais observadas por um pensamento racional e as experiências



angariadas nesse contato direto com os protagonistas reais (MEDINA, 2003, p. 77). Esse contato com o mundo é enriquecedor e aparece como aspecto necessário ao desenvolvimento do potencial dialógico do jornalismo. “Partilhar a visão de mundo do outro, dela extrair a utopia humana e ampliar a competência técnica e científica na narrativa solidária não é uma miragem, é uma possibilidade” (MEDINA, 2003, p. 80).

Segundo Medina, a riqueza do campo é determinante não apenas para o jornalismo, como também para todas as áreas da comunicação (MEDINA, 2016, p. 25). Isso se deve ao fato de que esta é a única forma de apreender a realidade com os cinco sentidos. “[...] defendo o *signo da relação* (grifo da autora) impregnado de olfato, paladar, tato, palavra dita e ouvida e visão sutil” (MEDINA, 2016, p. 25). Qualquer tipo de intermediação tecnológica impede o amplo uso dos sentidos na experiência humana e esse seria um ponto insuperável e, portanto, um impeditivo definitivo para a substituição pela tecnologia. Mas, será que essa perspectiva faz sentido em todos os espaços de produção da informação jornalística? Seria plausível pensar dessa mesma forma num tipo de cobertura mais corriqueira do cotidiano urbano?

3. O caso da Rádio Trânsito

A cobertura do trânsito se insere, sem sombra de dúvidas, na chamada prestação de serviço informativo. Nos últimos anos, observa-se um aumento expressivo do espaço dedicado a essa temática nos noticiários de todas as mídias. Embora a presença do tema seja constatada em veículos impressos, televisivos e on-line, é no ambiente do radiojornalismo que a pauta se destaca. Segundo pesquisa realizada pelo Portal Comunique-se, as emissoras de rádio jornalísticas de São Paulo têm dedicado mais de 10% do seu horário nobre às informações do trânsito (ROVIDA, 2015, p. 152).

O interesse crescente do público sobre as condições do tráfego em ruas e avenidas da cidade, bem como sobre a situação do transporte público nas grandes metrópoles, não passou despercebido pelas empresas de comunicação. Além do aumento de tempo e espaço dedicados ao tema, surgiu em São Paulo uma proposta de rádio customizada – com patrocínio especial de uma empresa que emprestou, por muito tempo, seu nome à emissora – cujo objetivo é cobrir o trânsito 24 horas por dia. Trata-se da Rádio Trânsito – antiga Rádio SulAmérica Seguros Trânsito – FM 92,1 (SP). No ar desde 2007, a rádio contava com uma equipe enxuta que se dividia entre o estúdio e o trabalho em campo. Em agosto de 2016, a empresa de



seguros SulAmérica, que figurava como principal patrocinador da rádio, desfez a parceria com o Grupo Bandeirantes de Comunicação, do qual a emissora faz parte, provocando uma reorganização geral no quadro de funcionários. A equipe de trabalho externo foi desfeita e a Rádio Trânsito passou a fazer a cobertura de forma distanciada com apoio de informações de softwares, de órgãos gestores do trânsito e de ouvintes que sempre tiveram participação expressiva nessa produção.

Antes dessa reformulação, provocada pela perda do patrocínio, o modelo de cobertura comportava uma integração entre leitura do trânsito *in loco* e acompanhamento à distância. O trabalho feito em praticamente todas as demais emissoras jornalísticas que atuam na Região Metropolitana da São Paulo (RMSP)⁴ encontra correspondência nesse padrão de cobertura da Rádio Trânsito, assim é possível entender o exemplo dessa emissora em particular como uma espécie de padrão da narrativa radiojornalística do trânsito.

A grade de programação da emissora é repetitiva e formada por blocos que trazem informações sobre as principais vias da capital paulista, as condições das estradas que cortam a RMSP, a situação do transporte público, mensagens de ouvintes, algumas manchetes do dia e música. Durante os horários em que o acúmulo de problemas no tráfego e no transporte público é menor, algumas produções diferentes, como reportagens especiais, entrevistas, enquetes, rodada de debate, entre outras, são intercaladas com os blocos de informação do trânsito.

A emissora tem uma equipe no estúdio que faz a etapa distanciada da cobertura. O âncora não tem suporte de um técnico de áudio, ele mesmo opera a mesa de som, colocando no ar vinhetas, músicas, propagandas, mensagens de voz dos ouvintes, tudo isso enquanto comanda a programação. Ao lado do apresentador, um jornalista – às vezes, um estagiário – faz o contato com os órgãos que administram estradas, que controlam o trânsito, como a CET, que atua no espaço urbano em situações de acidentes como os bombeiros. Além disso, o coordenador, esse jornalista que atua ao lado do apresentador, faz entradas ao vivo para apresentar a situação de acidentes, enchentes e demais formas de intervenção das vias – como manifestações públicas que se tornaram comuns nos últimos anos – bem como relata as condições das rodovias do Estado de São Paulo.

⁴ Considerada uma macro-metrópole, a RMSP é formada por 39 municípios, incluindo a capital paulista, onde vivem 20 milhões de pessoas, o equivalente a 10% da população do Brasil segundo dados do Censo 2010 do IBGE.



Além desse grupo interno, que em alguns horários se resume mesmo a essas duas figuras, havia a equipe de reportagem. Mesmo com softwares abastecidos por informações em tempo real via GPS, como é o caso do Waze e do Maplink⁵, a emissora não dispensava o trabalho dos jornalistas, que iam às ruas para acompanhar o cenário urbano de perto.

Os aplicativos não são humanos. Não entendem a realidade das pessoas. Um acidente é apenas um ponto num mapa. Não explica, não dá os detalhes do que se trata e não oferece a perspectiva de liberação da via. Saber o tempo de percurso é legal. Mas não é tudo. As pessoas que estão no trânsito precisam se sentir informadas e “abraçadas” pelos interlocutores do outro lado do rádio. Fazemos esse papel. As pessoas podem confiar naquilo que fazemos. Esse é o nosso ideal (GIMENEZ apud ROVIDA, 2016)⁶.

Com essa postura, a rádio mantinha (no período da pesquisa de campo realizada em trabalho anterior e que dá base para o presente artigo, conforme nota de rodapé nesta página) nas ruas da capital paulista das 6 horas às 21 horas um grupo de, no mínimo, dois e, no máximo, quatro repórteres. Esses jornalistas faziam entradas ao vivo, direto do espaço urbano, em movimento, na maior parte das vezes. Eles atuavam como repórteres-motoristas, assim trabalhavam sozinhos no carro da emissora e usavam um celular, acoplado a um fone de ouvidos e a um microfone para fazer os boletins. Eram, em média, cinco boletins por hora, o que demandava desses jornalistas a necessidade de circular o máximo que pudessem durante uma entrada e outra para ter novidades sempre que eram acionados pelo estúdio.

Como indicado na fala do editor-chefe da RST, Ronald Gimenez, a leitura em tempo real e todas as ferramentas disponibilizadas pelos softwares não são suficientes para oferecer uma informação completa. A cobertura do trânsito, embora corriqueira e aparentemente simples, apresenta nuances e dificuldades que só a presença do jornalista em campo permite apreender. Os detalhes de uma interdição de pista, por exemplo, só são conhecidos no contato presencial com as autoridades. Não é difícil encontrar situações em que a assessoria de

⁵ O Maplink é o mais antigo sistema usado na cobertura do trânsito e faz parte do modelo da Rádio Trânsito desde a estreia da rádio. Ele é abastecido por informações geradas por aparelhos GPS usados em carros que circulam pelo espaço urbano. Em tempo real, o dado de cada veículo é computado e a somatória das informações se transforma num panorama geral das condições das vias, com indicações da velocidade média desenvolvida por quem trafega por ali; isto é usado para a classificação de trânsito livre, lento, carregado ou parado. O Waze é um aplicativo para celular bastante popular cujo funcionamento é similar ao Maplink.

⁶ Ronald Gimenez é editor-chefe da Rádio Trânsito desde sua criação. Ele participou da pesquisa realizada anteriormente com a equipe da rádio e comentou sobre o tema deste artigo em contato feito em julho de 2016. Ver mais em: ROVIDA, Mara F. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Revista Libero**. V.18, n. 35. São Paulo: FCL, 2015, p. 77-88.



imprensa dos órgãos públicos tem menos informação que o repórter na rua, cuja fonte é um agente público diretamente envolvido com a cena real.

Reconhecer a gravidade de um acidente e dar um tratamento adequado às pessoas envolvidas nessas ocorrências são ações possibilitadas nessa relação direta, e algumas vezes chocante, com a cena e os protagonistas reais. Para a apresentadora, que já foi repórter, Ana Paula Rodrigues, a forma de atuação do repórter da Rádio Trânsito permitia “um conhecimento real, porque vivenciado, do que acontece” (apud ROVIDA, 2015, p. 170). A fala impregnada de sensações de cansaço, de medo, de raiva, de tédio é, certamente, um ponto de empatia entre o ouvinte da rádio e a equipe de jornalistas. O público reconhece na fala do repórter a perspectiva da experiência do espaço urbano, estão imersos no mesmo caos e enfrentam as mesmas dificuldades. Um exemplo de como essa vivência traz contribuições para o trabalho do jornalista pode ser observado num momento de caos provocado por uma enchente. Ao falar do desespero de pessoas ilhadas em lugares onde a água tomou conta rapidamente das vias não se mostra mais, nas palavras de Ana Paula Rodrigues, como uma narrativa distanciada. Isso porquê, em sua experiência como repórter, ela enfrentou esse tipo de situação, então sabe reconhecer as sensações e sentimentos de momentos assim (ROVIDA, 2015, p. 170).

O resultado dessa vivência é a proximidade firmada entre personagens, jornalista e público, todos os elementos da tríade comunicacional estão imersos no mesmo espaço urbano, numa sintonia empática, apesar de estarem num espaço público marcado pela disputa e pelo conflito. A costura dessa empatia entre os três elementos da tríade comunicacional se dá pela narrativa da emissora, composta pela fala do repórter imerso no espaço urbano e, portanto, capaz de trazer a vivacidade do cenário e dos protagonistas do trânsito, da presença/participação ativa do público da emissora.

A narrativa do trânsito é elaborada com a conjugação de várias vozes e várias perspectivas. O ouvinte da Rádio Trânsito não tem uma participação meramente simbólica ou ilustrativa na programação, ele ajuda na própria construção da informação sobre o trânsito. Segundo os jornalistas da emissora, é muito difícil manter uma cobertura ágil em todos os espaços da área abrangida pela RMSP, ou pela capital paulista, por conta das dimensões desse espaço urbano. A dinâmica do trânsito é suscetível a mudanças rápidas e nem sempre as autoridades, ou mesmo a equipe de repórteres quando existia, conseguem acompanhar os acontecimentos com rapidez. Nessas situações, em que as autoridades demoram para chegar a



um lugar com problemas, um local de acidente por exemplo, os ouvintes se tornam coautores da informação e contribuem ligando ou mandando mensagem de texto (SMS, WhatsApp, E-mail) para compartilhar aquilo que sabem ou estão vendo em seu caminho. As informações dos ouvintes são usadas, embora identificadas como um dado não verificado pela equipe de jornalistas, como parte das narrativas. Segundo Ronald Gimenez, pouquíssimas ocorrências de trote nesse tipo de relação foram anotadas nos quase 10 anos da rádio. Assim, a informação do ouvinte é passada adiante e ajuda na costura da narrativa urbana.

Essa conjunção de vozes de sujeitos mergulhados no mesmo espaço urbano dá o tom da narrativa da Rádio Trânsito. A empatia e o diálogo deixam de ser um potencial e passam a ser um resultado constante na cobertura de uma pauta tão comum e vinculada a um modelo de produção jornalística, que normalmente é tomada como superficial dada sua brevidade, em outras palavras, o *hard news*. Nesse sentido, parece pertinente enfatizar que a noção de repórter e reportagem aqui apresentados não diz respeito aos debates sobre gêneros jornalísticos. É recorrente a vinculação dessa discussão sobre dialogia e elaboração de narrativas polifônicas e polissêmicas com a noção de gêneros jornalísticos, como a grande reportagem, o documentário e demais formatos que permitem um maior aprofundamento da pauta. Se assim fosse, a narrativa da Rádio Trânsito estaria mais próxima do gênero notícia e não do gênero reportagem (SODRÉ; FERRARI, p. 1986). Mas o que se percebe nessa perspectiva que coloca no centro das atenções o papel do jornalista como um mediador dialógico, é a capacidade desse profissional de entrar em contato com realidades outras e narrar o que foi observado de forma a permitir ao público conhecer um cenário, às vezes, fisicamente próximo, mas por perspectivas diferentes que seriam, talvez, inalcançáveis sem essa mediação. Dito de outra forma, a ideia de repórter como a alma ou a essência do fazer jornalístico.

Considerações finais

Até a pauta corriqueira e repetitiva do trânsito impõe suas nuances e imprecisões. O dado real não é exato, não é raso, não é esquemático, por isso, sua compreensão demanda uma forma de comunicação mais ampla, mais profunda, mais recheada de impressões e sensações. Isso não significa deixar de lado a objetividade do trabalho factual, mas sim, acrescentar as subjetividades que fazem parte do cenário vivo.



O avanço da tecnologia representa uma ampliação das possibilidades e do alcance do jornalista, mas não é possível desenvolver um trabalho diferenciado, bem apurado, sem a experiência empírica. Como observado pelo editor-chefe da Rádio Trânsito, Ronald Gimenez, a informação completa do trânsito compreende os detalhes de processos desenvolvidos pelas autoridades nas ruas para liberar uma via após um acidente, bem como um tom que demonstra o reconhecimento das sensações provocadas pelo engarrafamento, por exemplo. A empatia, apresentada como abraço por Gimenez, costurada entre protagonistas, jornalista e público se fundamenta nesse encontro de sujeitos em trânsito no espaço urbano. Sem isso, a narrativa da rádio se resumiria a um amontoado repetitivo de índices e números sobre uma realidade borrada e distanciada.

Apuração *in loco* não é item de corte no orçamento de um modelo de negócio que preza a produção de material informativo bem apurado e que almeja se destacar no mar de informações dispersas, existentes nos espaços comunicacionais contemporâneos. Reportagem é, antes de mais nada, um encontro físico com o mundo em cores, cheiros e sabores. E o resultado desse processo se mostra pela vivacidade e impacto provocado pelas narrativas produzidas nesse movimento de aproximações. Embora a temática escolhida para exemplificar a importância do jornalista ir à rua esteja vinculada a um tipo de informação altamente perecível (esse espaço urbano é marcado por mudanças rápidas e súbitas, um acidente pode alterar por completo as condições de tráfego de toda uma região da cidade e até mesmo de toda a cidade), as interações entre os personagens, o jornalista e o público acabam se mostrando afetadas pelo diálogo. Em algum grau, entende-se que essa participação mediadora do jornalista nessa dinâmica urbana possa contribuir beneficentemente com as relações sociais que se desenrolam nesse palco.

Mesmo que seja difícil mensurar esse tipo de resultado, é possível vislumbrar numa observação mais prolongada da comunicação da Rádio Trânsito – em todas as suas formas de participação da tríade já mencionada – que o jornalismo assim elaborado pode ter impactos positivos num espaço urbano marcado pelo conflito, com graves implicações traduzidas em índices de violência e mortes. O que parece ser ainda mais pertinente como participação social do jornalista e do jornalismo.



Referências

BRASIL, 'NYT' e 'El País' revelam estratégia de expansão global em evento no. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 nov. 2014. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1704398-nyt-e-el-pais-revelam-estrategia-de-expansao-global-em-evento-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

ESSENFELDER, Renato. **O editor e seus labirintos**: reflexos da crise de paradigmas do jornal impresso. Tese de doutorado apresentada no PPGCOM da ECA-USP, São Paulo, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JORNALISMO, Evento debate modelos de negócios em. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 nov. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1549174-evento-debate-modelos-de-negocios-em-jornalismo.shtml>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. **Atravessagem** – reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **A arte de tecer o presente** – narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

ROVIDA, Mara F. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Revista Libero**. V.18, n. 35. São Paulo: FCL, 2015, p. 77-88.

_____. **Jornalismo em trânsito** – o diálogo social solidário no espaço urbano. São Carlos: Edufscar, 2015.

SETOR, Empresas de mídia jornalística discutem em São Paulo futuro do. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 nov. 2014. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1703515-empresas-de-midia-jornalistica-discutem-em-sao-paulo-futuro-do-setor.shtml>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TOZETTO, Claudia. 'O jornalismo é a âncora que separa a verdade do boato'. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 9 jul. 2016. Disponível em:

<<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-jornalismo-ea-ancora-que-separa-a-verdade-do-boato,10000062003>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

tríade

comunicação, cultura e mídia

